



## NO PASTO (margens do Tanha)

(Cliché do distinto amator sr. Miguel Monteiro, da Regua)

**II SERIE—N.º 653**

ASSINATURAS:—Portugal, Colonias portuguezas e Espanha: Trimestre, 1\$90 ctv. Semestre, 3\$75 ctv.—Ano, 7\$50 ctv.

Numero avulso, 15 centavos

Numero avulso em todo o Brazil, 700 rs.

**Ilustração Portuguesa**

Edição semanal do jornal

**O SECULO**

Lisboa, 26 de Agosto de 1918

Director—J. J. da Silva Graça  
Propriedade de J. J. da Silva Graça, Ltd.  
Editor—José Ioubert C'aves  
Redacção, administração e officinas: Rua do Seculo, 45—LISBOA

Ao leitor: Depois de lida a "Ilustração Portuguesa", envia-a à Junta Patriótica do Norte (Paços do Concelho—Porto) para esta a fazer chegar aos nossos soldados do "front"

**Reconstituente**  
**Alimento Phosphatado**

**BANANINE MIALHE**

Creanças, Convalescentes,  
 Tratamento das enterites

8, Rue Favart, Paris

**Perfumaria**  
**Balsemão**

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
 TELEPHONE Nº 2777-LISBOA.

**PÕ**  
**DE ABYSSINIA**  
**EXIBARD**

*Sem Opio nem Morphina*  
 Muito eficaz contra a

**ASTHMA**  
 Catarrho — Oppressão

35 Anos de Bom Exito.  
 Medalhas Ouro e Prata.

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C<sup>o</sup>  
 8, Rue Dombasle  
 PARIS

UNION PHARMACIA



**PARA** as aves que voão com  
 muita velocidade e que se ele-  
 vam a grandes alturas precisa-se  
 um cartucho potente e exacto.

Experimente o **Remington**  
 UMC  
 Marca **"ARROW"**

*Obtíveis por intermédio dos principais co-  
 mmerciaes de todas as partes—catálogo  
 em viado gratis a quem o solicitar.*

Remington Arms-Union Metallic  
 Cartridge Company  
 Woolworth Bldg. Nova York, E.U. A., do N.

Feito em cartuchos  
 8, 10, 12, 16, 20  
 24 e 28.

**REMINGTON**  
**UMC**

AGENTE EM PORTUGAL: G. Heltor Ferreira, L. do Camões, 3—Lisboa

**INSTITUTO CLINICO DO RADIUM**  
 DIRECÇÃO TECNICA DO MEDICO  
**DECIO FERREIRA**

A maior existencia de Radium da Peninsula: 250 miligramas

*Tratamentos pelo Emanatorio e pela agua radiotiva, Raios X,  
 Alta frequencia (darsonvalização), Banhos hidroelectricos,  
 de Luz e Ar quente, Electroterapia*

Tratamento e cura do **GANGRO**, Angiomas, Nevus vascula-  
 res e pigmentares, **manchas do vinho**, Queloides e cicatrizes  
 viciosas, Tuberculosos cutaneos, Mucosa, ossea, ganglionar e  
 articular, Lupus, Puridos, neurodermites, acne, eczemas, Fi-  
 bromas e hemorragias uterinas, Metrites, Uretrites cronicas,  
 blenorragia e suas complicações, Conjujivites, Ozena, Mani-  
 festações terciarias da sífilis, Artrismo, gota, reumatis-  
 mo, ciatica, Asma, diabetes, bocio, Doenças da pele, do co-  
 ração, n'vralgias, nevrites, paralisias, hipertensão arterial,  
 arteriosclerose, dilatação da aorta, tumores, etc., etc. Apo-  
 sentos para doentes.

**RUA GARRETT, 61 — Telel. C.-2:570**

**A**

**Enterocolite mucó-membranosa**

e as suas complicações, curam-se por com-  
 plete com a

**LACTOSYMBIOSINA**

Enviar consulta detalhada ao

**LABORATORIO SANITAS—T. do Carmo, 1, 1.º, Lisboa**

DEPOSITO: **Neto, Natividade & C.º**  
 ROCIO, 121, 122 — LISBOA

**Colares "Viuva Gomes"**

— A MAIS VELHA MARCA  
 DE VINHOS DE COLARES

Unica premiada com "GRAND PRIX"

SUCURSAL EM LISBOA: **SÉDE**  
 Rua Nova da Trindade, 90 **Colares-Almoçageme**

Telefone 1644

## Pelos nossos Prisioneiros...



Grupo de officiaes, ex-alunos do Collegio Militar, prisioneiros em Rastatt (Baden). Da esquerda para a direita, sentados: Capitão d'infantaria sr. Oscar Bastos, capitão d'artilheria sr. Braz d'Oliveira, tenente-coronel d'infantaria sr. Cra veiro Lopes, major d'infantaria sr. Guerreiro e capitão d'infantaria sr. Barros De pé: Tenente d'infantaria sr. Santos de Lemos, alferes d'infantaria sr. Nogueira, capitão d'inf. sr. Fonseca d'Almeida, alferes de cavalaria sr. Sacramento Monteiro, alferes de artilheria sr. Portugal da Silveira, alferes d'infantaria sr. Honorato Gomes Pereira e alferes d'artilheria sr. Costa Cabral.

(Cliché obsequiosamente cedido á *Ilustração Portuguesa* pelo coronel sr. José Pedro de Lemos).

Les prisonniers sont des morceaux d'âme de la Patrie qu'il faut n'oublier jamais!

(*Le Feu*—HENRI BARBUSSE).

**S**e a convulsão em que se debate o mundo tem patenteado em toda a sua triste amplitude quanto o sordido egoísmo humano não recua perante o extermínio mutuo para atingir os seus fins, levando a milhões de lares o luto, a viuvez e a orfandade, n'um cortejo macabro em que as maximas dôres são postas rudemente á prova, não menos certo é que, por consoladora antitesse, ela tem servido para realçar quanto de elevadamente belo é suscetível a mesma alma humana, procurando atenuar tantos infortunios, enxugar tantas lagrimas, e confortar tantas desditas! Lástima é — e grande — que essa poderosa corrente de espalhar o bem, que se repercute em todo o Universo, não seja tão avassaladora que esmague nas mãos dos homens a energia para se aniquilarem n'uma luta fratricida por interesses, que, á luz pura da Razão, são infinitamente mesquinhos comparados com o altissimo preço por que são pagos!

Cabe-nos a nós, mulheres, a evidente primazia n'essa Cruzada do Bem, porque não ha recanto ignorado do mundo onde a alma feminina não tenha vibrado sollicita e compassiva, e dentro da sua fraqueza, que é talvez antes a sua grande força, procurado por todas as formas levar o auxilio, a resignação ou o conforto onde quer que a sua influencia careça de se fazer sentir, pagando não poucas vezes com a propria vida a sua sublime dedicação.

Com orgulho para o nosso sexo assim é, com efeito, desde Miss Edith Cavel — a Martir Gloriosa

da Belgica — até ás mulheres das regiões invadidas, e ainda ás de quasi de todas as nacionalidades que nas ambulancias de guerra generosamente, como *anjos de misericordia*, espalham os frutos dos seus inestimaveis serviços tratando carinhosamente os feridos, que de exemplos de altruismo e abnegação nos mostra n'este tremendo cataclismo de quanto é capaz o espirito da mulher!

Pois bem, a nós Portuguezas, que temos na nossa historia patria exuberantes exemplos de quanto pôde a virtude da mulher lusitana, cabe-nos tambem a nossa quota parte na afirmação brilhante das nossas qualidades afétivas, levando aos nossos queridos prisioneiros de guerra, mas a todos sem excção, e por todas as formas possiveis, o agasalho, os meios e o conforto material e espiritual, com que possam suportar as agruras infinitas do seu cativoiro e das suas privações.

Secundemos todas — porque todas mais ou menos lá temos entes queridos — com a nossa fé, o nosso exemplo e a nossa tenacidade os esforços do sr. Presidente da Republica, que tão cativamente, como Chefe d'Estado, e como impoluto homem de bem, ouviu as pretensões sentidas que na nossa mensagem lhe fômos solicitar para os nossos prisioneiros, dando-nos o seu incondicional apoio, e os mais sinceros incentivos para caminharmos firmes, no proseguimento da nossa obra; empreguemos pois tudo o que a bondade nata do nosso sexo e do nosso coração, aliada á boa vontade, pode milagrosamente conseguir, quando verdadeiramente queremos, em prol d'este benemerito fim, contribuindo com uma migalha do nosso superfluo, em donativos ou em generos, para minorar as vicissitudes de 5.000



Grupo de officiaes d'infantaria 17, prisioneiros em Rastatt (Baden). Da esquerda para a direita, sentados: Tenente sr. Batista, major sr. Duque e capitão sr. Braz. De pé: 1, Tenente medico sr. dr. Carreiras; 2 (?); 3, tenente sr. Lemos; 4, tenente sr. Calado; 5 (?).

(Cliché obsequiosamente cedido á *Ilustração Portuguesa* pelo coronel sr. José Pedro de Lemos).

officiaes e soldados, sujeitos a todas as contingencias fisicas e moraes nos campos de concentração da Alemanha.

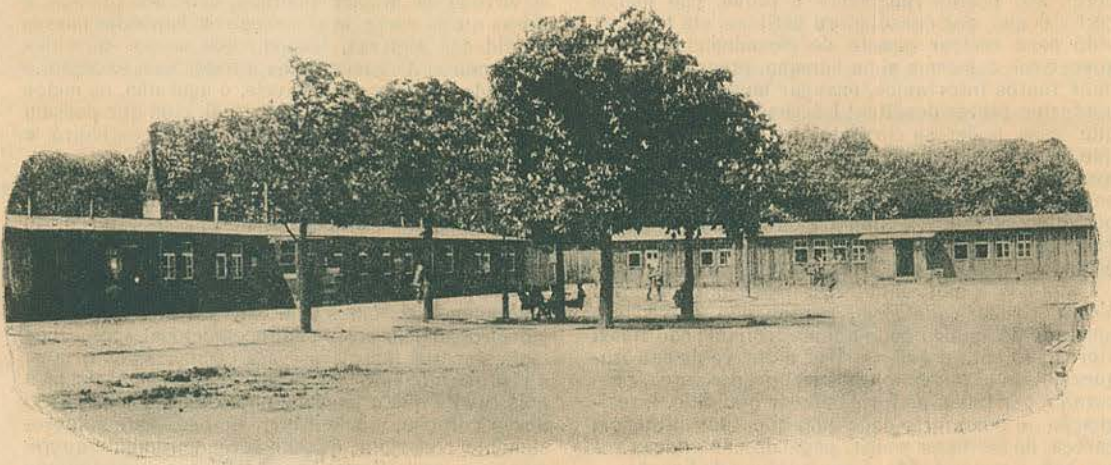
Levemos-lhes, com o produto do nosso esforço, a flôr da nossa bondade, e tudo aquilo que os governos e a iniciativa particular das nações que egualmente ali contam prisioneiros ha muito fazem, poupando-nos á torturante vergonha de estarem os nossos irmãos á mercê da piedade dos seus camaradas de cativo.

Que acordem pois todas as energias da nossa raça n'um esforço coletivo, que nos dê o logar que sob o ponto de vista da filantropia e altruismo primacialmente nos compete como mulheres portuguezas, enviando para a «*Ilustração Portuguesa*», que tão acolhedora e gentilmente abraçou a patriótica idéa da «*Comissão Protetora dos Prisioneiros de Guerra Portuguezes*» facultando-nos a sua magnifica insta-

lação para nossa séde, e a quem a comissão aqui tributa o testemunho sincerissimo da sua gratidão, uma parcela de generosidade porque o esforço dividido por todos, nada, por certo, custa, e do resultado d'ele elevar-se-á lá longe onde a «*Saudade*» assentou os seus arraiaes, uma hossana de benções que, glorificando as nossas virtudes e egualando-as, pelo menos, ás que no resto do mundo se estão manifestando, nos servirá depois a todos nós de consoladora compensação pelas beneficas consequencias que d'esses patrioticos e abençoados esforços certamente hão-de resultar.

Lx.ª 14 -- Agosto, 1918.

María del Pilar Santos Nogueira  
Secretaria geral da «*Comissão Protetora dos Prisioneiros de Guerra Portuguezes*».



Um aspéto do Campo de concentração de prisioneiros em Karlsruhe («*Cliché*» gentilmente cedido á «*Ilustração Portuguesa*» pela sr.ª D. María del Pilar Santos Nogueira).

# As nossas tropas em França



1. Henrique Proença Bravo, jornalista e 2.º sargento chauffeur do S. T. A. do C. E. P.—2. Armando Pinto Bastos, 2.º sargento de in-



Carlos Rego Bayam, sargento-ajudante de infantaria 15 e Antonio A. Nunes Serio, 1.º sargento do mesmo batalhão.



infantaria 29, prisioneiro dos alemães.—4. A. Pinto, 2.º sargento de infantaria.—5. Domingos Barão, 2.º sargento de infantaria 5.

Um recente telegrama de Londres, noticiou que o rei de Inglaterra, por ocasião da sua

portugueza, que ainda se conserva, cheia de fé e de entusiasmo, na frente da batalha, dis-



Sargentos do C. A. P., Da esquerda para a direita, 1.º plano: J. Miguel do Carmo, Amadeu Faria e M. Brito Junior. No 2.º plano: Manuel S. Coelho, Domício Reis, José F. Gomes e Manoel R.

Horta. No 3.º plano: Fernando M. Almeida, J. Madalena da Silva, Joaquim Fernandes, Carlos A. de Almeida, Manuel J. Aboes, Joaquim Madalena e José L. Rabaça.



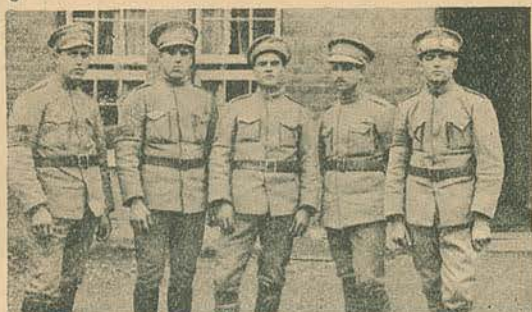
1. Americo Jorge, 2.º sargento do C. A. P. 1.—2. Alvaro Joaquim da Costa, 2.º sargento de infantaria 32.—3. Sargentos de infantaria Da esquerda para a direita: Angelo Vicente Nunes, Ar-



mando Tomaz e Artur Gomes Fortes.—4. Inacio Trindade, 2.º sargento do C. A. P.—5. O 2.º sargento n.º 198 da 4.ª companhia de subsistencias do 1.º grupo de C. A. M.

ultima visita ás primeiras linhas, passára tambem revista á divisão

pensando-lhe palavras de admiração e de louvor pela bela apresen-



Grupo de motociclistas do C. A. P. Da esquerda para a direita: Artur de Andrade Ramos, Horácio Gomes Moraes, Artur Exposto, António Pereira Gomes e Manuel Bernardino Almeida.



Um grupo de combatentes em França. Sentados, da esquerda para a direita: José Mendes, soldado d'infantaria 21. Artur Dias, telefonista de artilharia 7 e José Barbeiro, soldado de infantaria 21. De pé: Alfredo Daniel, soldado de infantaria 21 e Carlos Alberto, enfermeiro de artilharia.

tação e pelo garbo dos nossos homens, que continuam mantendo o nome do exercito portuguez á altura dos nossos aliados e das



Herminio a'Almeida Vidal e José Bernardino, soldados d'infantaria.

nossas tradições militares.



J. Simões, soldado de artilharia 2, prisioneiro dos alemães. Soldados de engenharia. Da esquerda para a direita, sentados: Anselmo Batista e José Fernandes. De pé:



soldado do regimento de artilharia n.º 1.



Raul Amaral de Azevedo, Adelino Lourenço, Francisco Marques e Estácio da Fonseca. —3. António Felix,



Soldados e cabos d'uma formação do C. E. P. Da esquerda para a direita, sentados: Manuel Grande, João Carlos e Anselmo Elistario. De pé: Manuel Maria da Cunha, Manuel Febra, M. Cameira, P. Rafael e Argelino Portugal.

## As nossas tropas em Africa



Embarque, em Mocimboa da Praia, da coluna expedicionaria ao Nyassa

termine a belligerancia n'aquela frente com vantagem para as nossas armas e para as dos nossos aliados.

Anuncia-se agora a ida para Moçambique do ilustre general sr. Gomes da Costa, que já nos campos da Flandres, afirmara as suas qualidades inegalaveis de cabo de guerra, deixando o seu nome ligado a tantos cometimentos de valor, que serão justamente apreciados quando se fizer a historia completa, sem o nervosismo d'agora, da nossa cooperação na frente occidental.



Formatura d'uma companhia indigena em Mocimboa da Praia.

**D**E ha muito tempo que cousa alguma se sabe da nossa campanha na Africa Oriental. A falta de communicações regulares com o nosso patrimonio do Occidente do Indico e o facto de, as regiões em que a ação das nossas tropas se faz sentir, estarem afastadas dos grandes centros são quasi as exclusivas razões d'esta escassez de noticias que traz devéras anciosas as familias dos bravos, que ali se encontram. Porém, o que pessoa alguma desconhece é que os soldados portuguezes, expedicionarios ao norte de Moçambique continuam acompanhando a luta, combatendo nas primeiras linhas com o mesmo ardor e o mesmo devotamento com que a começaram, tendo já sido derramado muito do seu generoso sangue e empregado inauditos esforços porque em breve

E' de esperar pois,—sem menosprezo pelos anteriores comandantes do exercito em operações no norte da nossa provincia da Africa Oriental, todos eles officiaes distintissimos e com uma folha repleta de apreciaveis serviços—que a nossa ação n'aquelas longuissimas paragens sofra transformação.



Formatura de tropas europeias chegadas a Mocimboa da Praia.



Revista passada pelo tenente-coronel sr. Carneiro, comandante interino da expedição ao Nyassa.

O sr. Gomes da Costa, oficial estudioso e observador irá antepôr ao inimigo os processos que teve ocasião de estudar durante o tempo que comandou a 2.<sup>a</sup> divisão portugueza em frente ao exercito alemão do comando do general Rupprecht.

E, podemos já afirmar, sem receio de contestação, que o novo comandante do exercito portuguez em operações contra os alemães da Africa saberá impôr-se á consideração e á estima dos officaes dos outros exercitos aliados com quem vae colaborar, e conseguir para o nosso paiz os louros que da sua muita capacidade e saber militar a patria tem a esperar.



O capitão sr. Eduardo Ferreira Viana, chefe do Estado Maior da expedição a Moçambique.



Desembarque em Mocimboa da Praia do comandante da expedição a Moçambique, coronel sr. Tomaz de Sousa Rosa.



O Porto de Namôto na zona de Palma



O posto militar de Madai, na zona de Palma



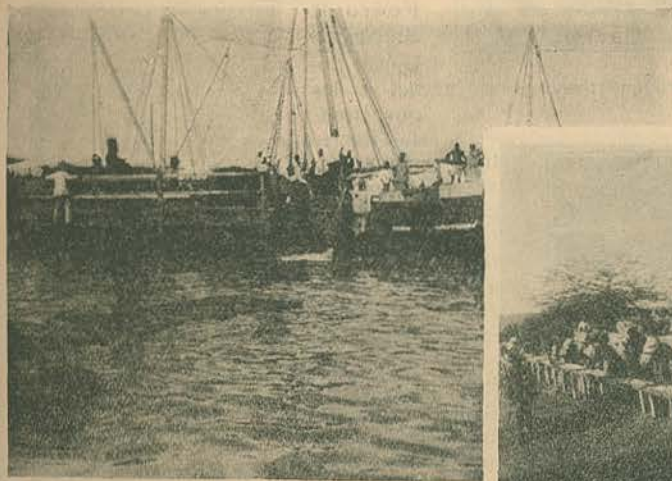


Abatendo gado

Os nossos bravos irmãos em luta nas proximidades do lago Nyassa estão praticando factos de tão inestimável valor que a historia da guerra actual ao arquivar-se obterá as suas mais eloquentes e brilhantes paginas. Em nenhuma outra campanha colonial se eviden-



Rebanho de abastecimentos e crias



Desembarque de muares em Mocimboa da Praia

tonico que ameaçava a nossa integridade colonial.



Bel-edouro no parque de viaturas e animais

ciou melhor o prestigio da nossa soberania. No desenrolar dos feitos militares ali realizados muitas tribus, que sempre se haviam

(Clichés da secção fotografica da expedição a Moçambique).

conservado rebeldes nos prestaram vassalagem, tendo-se mesmo conseguido que grande numero de indigenas fossem incorporados nas secções de auxiliares, onde teem prestado serviços que de véras facilitam a nossa acção em Africa contra o barbarismo teu-

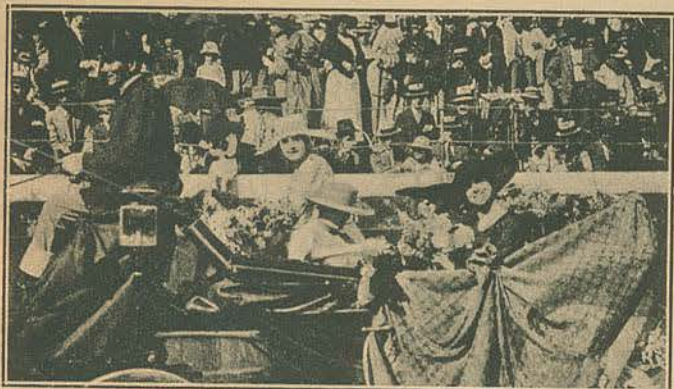
## A beneficencia do "Seculo"

Os serviços de beneficencia do *Seculo*, assumiram uma importancia tal que constituem hoje uma das secções mais movimentadas do primeiro quotidiano da península em tiragem e em expansão. Quando um dia se fizer a historia do *Seculo*, um grande e grosso volume ha de ser totalmente dedicado á sua obra de beneficencia, que nos mais diversos campos tem salutarmente influido, tanto sob o aspecto material, como sob o ponto de vista moral e intelétual. A ultima das fundações beneficentes do *Seculo*, foi a «Sopa dos pobres», que tantas benções tem merecido da parte dos necessitados, unanimes em louvar a instituição, o esforço e a intelligencia dos que a mantem.

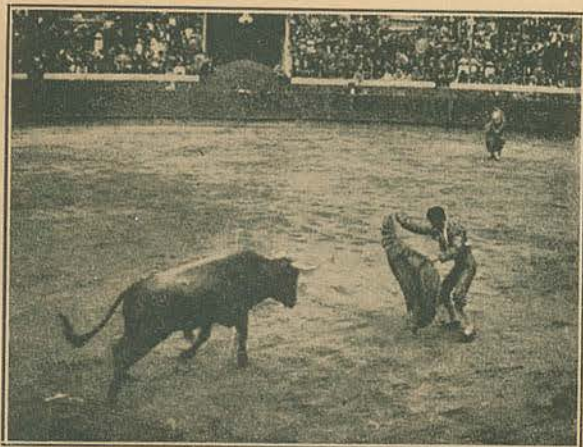
Entre as varias festas cujo produto se destina a conservar e a desenvolver a «Sopa dos pobres», cumpre salientar, pelo brilho que revestiu e pelos resultados conseguidos, a tourada que se realizou no Campo Pequeno e para a qual o *Seculo* obteve o generoso concurso de tantas pessoas. Desde os mais altos representantes dos poderes publicos até os mais humildes leitores do jornal popular por excellencia concorreram á festa, honrando-a com a sua presença e consagrando assim o mais simpatico e mais util dos empreendimentos. Um grande numero de gentis artistas dos teatros de Lisboa, to-



A carruagem das artistas do Teatro Avenida trajando á hespanhola.



A carruagem das artistas do Eden-Teatro que tomaram parte na batalha de flores.



O espada Pacomio passando de capote um touro em hastes limpas.

mando, parte n'uma batalha de flores que precedeu a tourada, quizeram tambem contribuir com a sua formosura, as suas graças, a sua elegancia, para que a tarde de 18 de agosto ficasse memoravel, presidindo á festa a sr.<sup>a</sup> D. Etelvina Serra.

Além d'essa colaboração delicadissima, é de absoluta justiça mencionar a dos benemeritos lavradores que cederam o gado, a dos notaveis toureiros amadores D. Alexandre de Mascarenhas, D. Pedro de Bragança e Gama Lobo, a dos conceituados floristas

Moreira da Silva e Fernando Sanches, a dos distintos musicos de infantaria 5 e ainda a de outras entidades cuja enumeração nos levaria muito longe. Em Portugal, nunca as almas bem formadas deixaram de irmanar-se e confundir-se quando é preciso acudir á miseria do nosso semelhante!



O sr. Romão Gonçalves, cantando. (Clichés Benoiel).



# BELA-ARTE



Um aspéto da exposição



O sr. Armando de Basto

O sr. Armando de Basto é um artista do Porto que ha anos se foi de longada até Paris. Regressado de lá, trouxe consigo uma bagagem de processos artisticos cheios de riqueza e originalidade que embora *épatant*, de começo a critica e os *dilletanti* impuseram como um dos talentos mais bizarros e mais probos da geração nova.

A sua exposição no Porto, de que inserimos alguns aspéto, representando de resto uma transigencia com a chamada arte *pompier*, foi um dos mais completos triunfos artisticos, tendo sido muito concorrida. As suas telas sobre o Porto velho são feitas com um amor e uma sensibilidade raras, e os seus *panneaux* historicos impregnados d'um decorativismo elegante.

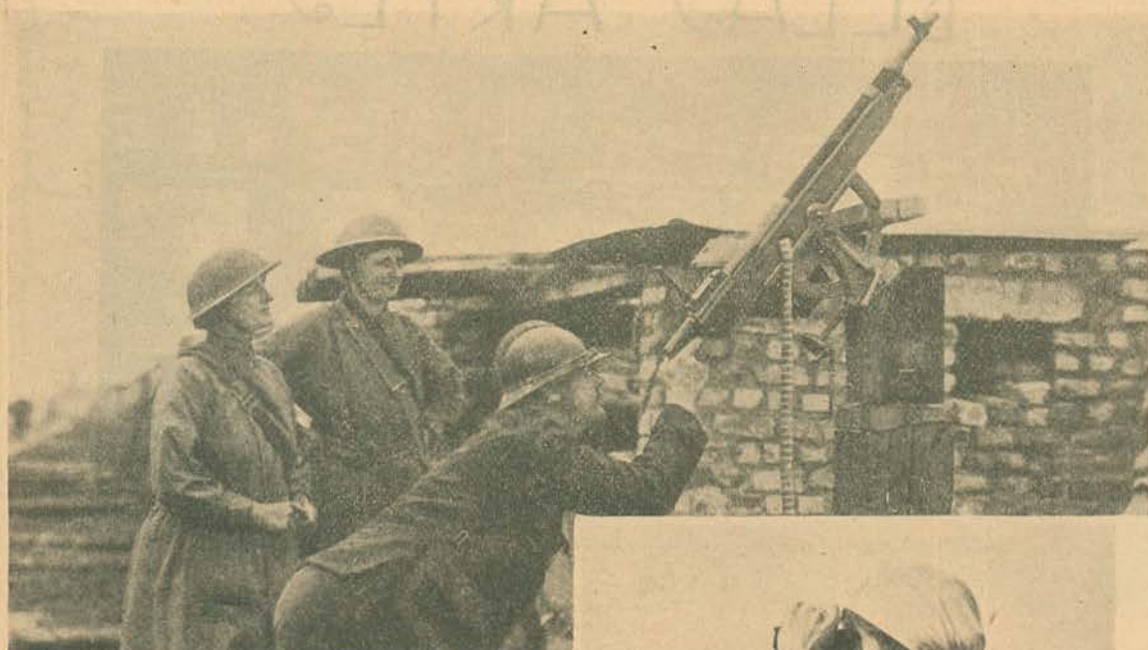


No Largo do Eirado



Outro aspéto da exposição

## AS SENHORAS INGLEZAS NO EXERCITO



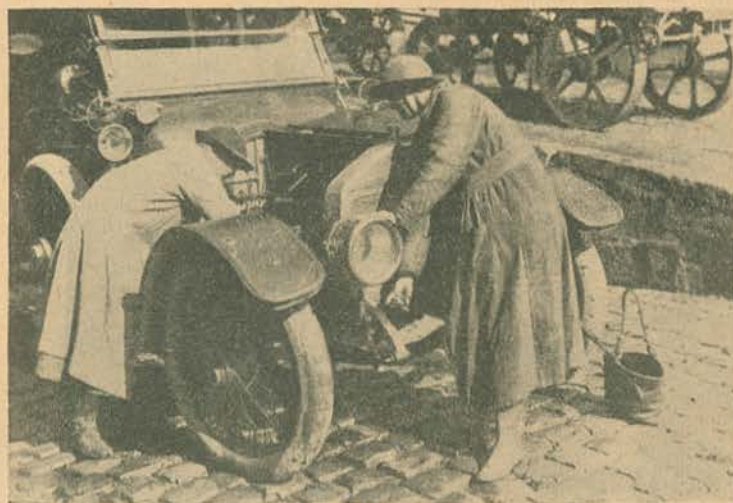
Damas da Cruz Vermelha britânica interessando-se pelo alvejamento d'um «Gotha».

E' assombrosa a heroicidade da mulher britânica. Aos seus muitos predicados, tantas vezes referidos para exemplo, faltava acrescentar este. A um devotamento admiravel pelos soldados do seu paiz e por todos os outros que lutam pelo mesmo nobre ideal aliam as senhoras inglezas uma bravura inaudita.

Nas fotografias que n'esta pagina reproduzimos podemos admirar a coragem d'uma joven dama da Cruz Vermelha Inglesa, que a curta distancia da linha de batalha e sob o perigo d'uma ameaça constante da metralha do inimigo, imperturbavelmente segue as fases d'um encarniçado e sangrento combate,



Uma das senhoras inglezas que vivem perto das linhas da batalha, observando o que se passa na «Terra de Ninguém».



«Chauffeuses» do exercito britânico

(Clichés da secção fotografica do exercito britânico).

e ajuizar do interesse com que duas outras seguem a perseguição d'um «Gotha» por uma metralhadora anti-aerea. E lembrar-nos que as intrepidas senhoras abandonaram os seus lares e os seus trabalhos de requintado gosto com que os tornavam queridos e apreciaveis, para se dedicarem ao arduo labor dos serviços auxiliares do exercito, como as gentis «chauffeuses» d'um dos clichés que inserimos, a que de resto admiravelmente se adaptaram, deixa-nos tomados de espanto por esta irrefutavel prova de estoicismo.

## NA FRENTE ITALIANA



turcas, que, embora comandadas pelos seus próprios officiaes, atuam sob as ordens do alto comando austriaco. Os soldados turcos, oriundos da Asia Menor, cuja etnografia é sobremaneira variada e multipla e a cujo recrutamento preside o unico criterio de aproveitar todo o homem valido, seja qual fôr a sua raça, não havendo sequer o cuidado de os seleccionar, evitando assim dissensões que corrompem a organização e a disciplina militar, apesar da sua reconhecida ferocidade, não oporão mais que uma rija resistencia ás tropas italianas que d'uma intrepidez,

Uma ponte de madeira suspensa a 3000 metros de altitude.

UMA relativa calma reina na frente italiana, de vez em quando interrompida por duelos de artilharia, que os beligerantes porfiam em tornar intensos e duradouros. O fogo do inimigo visa especialmente a mascarar os movimentos de tropas na retarguarda das suas linhas, que todavia, os aviões italianos conseguem enxergar, advertindo a artilharia. Esta, concentrando os seus fogos, tem infligido pesadas perdas e transtornado os planos do adversario, que cada vez se sente mais desmoralizado. Com a retirada de alguns corpos do exercito austro-hungaro que vão colaborar com os alemães na frente ocidental, passaram a estar enquadradas com os outros corpos austriacos divisões



Uma estação telefonica no alto d'uma montanha



Um acompanhamento do exercito italiano no sector de Adomello



N'uma trincheira onde foi encontrado um mosaico romano.



A obra dos aeroplanos austriacos n'uma cidade da retaguarda das linhas italianas.

fartamente comprovada, — como se pode ajuizar

pelas fotografias que publicamos em que sobre pontes suspensas no espaço, a mais de 3000 metros de altura, resoluta e indiferentemente caminham—e d'um acendrado patriotismo, saberão mostrar aos vassallos da Alemanha quanto valem e o que é o esforço do seu paiz, deveras empenhado no exterminio do barbarismo.



A séde d'um quartel general de brigada na frente italiana

(«Clichés» da secção fotografica do exercito italiano).



# A DADEIRINHA

*Andante cantabile*

PIANO

*p*

1. Fui á fonte pra te vêr..... ao ri..... o pra te fa...

lar....., nem ns fonte nem no ri.....o nun.....ca te pude encon...

*Côro*

trac..... Ora ba...te pa...dei...ri...nha, sai...ba pôr o pé no chão, a...ra

ba...te pa...dei...ri...nha no meu ter...no ca...ra...ção 1. 2. O...ra...ção. D.C.

Quem me dera ter fulgor,  
Ser um astro puro e lindo  
P'ra ir beijar-te no leito  
Quando estivesses dormindo...

Eu hei-de pedir-te um beijo  
Que um beijo não custa a dar,  
E' um hino a quatro labios  
Que se gosta de cantar...



Sr. dr. Costa Pinheiro

Se eu fosse de malha estreita  
Como as rédes d'arrastar,  
Eu te juro que os teus olhos  
Não me haviam de escapar.

Quanto mais quiz esquecer-te  
Mais amôr te tive então,  
Minha sina era querer-te,  
Ninguém foge ao coração.

(Das Canções de Coimbra).

O sr. dr. Costa Pinheiro, que é um talentoso escritor e compositor de música, publicou agora a 2.<sup>a</sup> edição (m última modificada) da 1.<sup>a</sup> série de «Canções de Coimbra», que certamente alcançará sucesso identico ao da 1.<sup>a</sup>. O sr. dr. Costa Pinheiro é já um autor consagrado e o publico de Coimbra, que no ano findo assistiu ao concerto do apreciado violinista Benetó, teve ensejo de lhe proporcionar uma ovação delirante, quando foi executada a rapsodia de canções portuguezas «Pela minha terra», de que tambem é autor.

## O ESFORÇO FRANCEZ



Na nave central da igreja de Chateau-Thierry: As pilhas de colchões que os alemães não tiveram tempo de levar, quando da sua retirada.

cia a um plano preconcebido. Não nos resta, sequer a menor duvida, de que o fizeram, batidos pelos admiráveis soldados, superiormente comandados pelo novo marechal da França, que se aplica a contrariar os projetos do inimigo—desejoso de poupar as suas reservas, para empregar-as n'um ataque energico logo que a frente da batalha se estabeleça—que de cada vez se sente em mais critica situação.



2. O parlamentar inglez tenente-coronel sir A. Griffith Boscawen, sub-secretario de Estado do Ministerio das Pensões, que, em nome do governo inglez, organizou recentemente em Londres o Congresso e Exposição Inter-Alliados para os Mutilados da Guerra. (Publicação expressamente autorizada para a *Ilustração Portuguesa* e o *seculo*. — 3. Dr. Bourrilon, presidente do Comité-Permanente Inter-Alliados. (Autorizada para a *Ilustração Portuguesa*). — 4. Em Chateau-Thierry: O presidente da Republica apertando a mão aos operarios-padeiros que ficaram na cidade durante a occupação alemã. Por detraz de M. Poincaré, o general Degoutte; de frente, ao centro do grupo, o perfeito do Aisne.



## FIGURAS E FACTOS

Senhoras que fizeram parte da comissão organizadora d'um espectáculo, levado a efeito no teatro de São Carlos, a favor dos orfãos da guerra, com uma percentagem para a «Sopa dos pobres» instituída pelo



*Seculo.* Da esquerda para a direita, sentadas, as sr.<sup>as</sup> D. Olimpia F. Andrade, D. Aida B. Horta, D. Maria L. Sena e D. Fernanda de A. Corvo. De pé, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Esteves, sr. Artur Duarte e as sr.<sup>as</sup> D. Hortense Luz e D. Lucinda B. Horta.



**Sr. Henrique Mousinho de Albuquerque**, diretor dos serviços postaes.

O distinto funcionario, colaborou na actual organização dos correios e telegrafos, que é um trabalho notavel, que muito o honra devido aos seus grandes co-

nhcimentos do assunto a que se tem dedicado.

**Sr.<sup>a</sup> D. Sarah Afonso**, talentosa artista que ultimamente acabou o seu curso de violino, com brilhantismo, obtendo a mais alta classificação.

Era aluna do Conservatorio de Lisboa, onde se impoz pela sua intelligencia e excellentes qualidades de character, sendo a auxiliar da classe do seu professor, sr. Julio Cardona.



O sr. Carlos Gonçalves e os seus discipulos que tomaram parte no final do torneio de espada, em que foi disputada a taça José Pontes. Da esquerda para a direita, sentados, os srs.: Jorge Paiva, o 1.<sup>o</sup> classificado; Carlos Gonçalves, mestre d'armas, e Marciano Belão. De pé srs.: Filipe de Vilhena, José Oliveas, Antonio Oliveas, Henrique Esteves e Mouton Osorio.

# SOLAR E PAÇO DE CALHEIROS

Ao fim de uma bela estrada de dois quilómetros e que entronca, a legua e meia de Ponte de Lima, com a estrada que vai de Vianna do Castelo aos Arcos de Valdevez, ergue-se o paço de Calheiros, uma das mais interessantes casas nobres do Minho e que, quando se fizer a história das residências solarengas de Portugal, decerto fornecerá assunto para um dos seus capítulos. A estrada que conduz ao paço de Calheiros é já um encanto pelo seu traçado e pela sua opulenta e florida vegetação que forma como que um tunel de deleitosa sombra em que o ar se impregna de inebriantes perfumes...

O palácio, a que dão acesso dois largos lanços de escada, é elegante e magestoso. O lanço da direita leva a uma ampla varanda de colunatas, em parte envidraçada e armada em estufa. A fachada da capela impõe-se ao mais exigente gosto arquitetónico e interiormente admira-se uma soberba obra de talha. As salas e aposentos da casa de Calheiros estão á altura das tradições da família ilustre a que



*O paço de Calheiros*



*O sr. Francisco Lopes de Calheiros*

pertence o seu proprietário, o sr. Francisco Lopes de Calheiros e Menezes, conde de Calheiros, que costuma receber com a bizarría que distinguiu os seus maiores. Não só os seus eguaes como os pobres e os humildes conhecem a delicadeza e a longaminidade do seu generoso coração.

O paço de Calheiros reserva ainda a todos os seus visitantes um verdadeiro deslumbramento: o magnifico panorama sobre que se abrem as



*Um trecho do paço de Calheiros*

suas janelas de onde se descortina um horizonte extensissimo e variado... Como nota final, recordaremos que no braço dos Calheiros, que data de 1459, figuram cinco vieiras e tres estrelas em fachá. No portão, reconstruido em 1889, vê-se á esquerda esse braço e sobrepostas as seguintes palavras em caracteres goticos: «Desta antiga e nobre casa procedem os Calheiros, fidalgos do solar.»



*Altar da capela do paço de Calheiros.*

## NA COSTA DO NORTE



das maiores razões do seu progressivo desenvolvimento.

N'esta quadra do ano, porém, são de veras concorridas. A affluencia de veraneantes, vindos do Sul, das Beiras, de Traz-os-Montes e de Hespanha, é notável, particularmente os do paiz visinho, que as preferem às do sul da França.

**S**IMPLESMENTE encantadoras e amenas as nossas praias do Norte. O benefício que lhes proporciona o *Gulf Stream*, torna-as desejadas em qualquer época do ano, motivo da sua já agora importante população permanente, que por sua vez é uma



1. NA PRAIA DO MINDELO:—A' hora da sesta.—2. NA POVOA DE VARZIM:—O mar encapelado junto ao moíhe.



VILA DO CONDE:—Olhando o mar. Ao longe vê-se o casco do S. Rafael.—(Clichés obsequiosamente cedidos á *Ilustração Portuguesa* pelo sr. José Carlos Simões d'Almeida, solícito correspondente do *Seculo* em Guimarães).

# O Resurgimento do estilo manuelino

Do alvor do século XVI, em Portugal, já o espirito criacionista da raça se evidenciára com brilhantes afirmações estéticas, para que a Renascença, em todas as modalidades das Belas-Artes, ao ser introduzida por cultores da neologia cosmopolita, não soffesse a influencia dos factores ethnicos da velha estetica existente.

Os architectos portuguezes, em pleno estadio gotico, assimilaram a nova osmose estetica modificando-a nas suas linhas geraes e fundindo n'ela os elementos primordiales do *gotico florido*.

E esta reacção foi a consequencia logica de uma bem conhecida lei psicologica que regula a evolução das instituições, quando estas transitam de um povo para outro. Cada instituição, quer juridica, religiosa ou artistica, ao transitar de uma raca para outra, sofre a poderosa influencia dos factores ethnicos predominantes na que assimila, e essa instituição só se estabelece definitivamente quando se moldou, por pequenas ou profundas modificações ao conjunto de elementos psicologicos que forma o caracter nacional do povo que a importa. E assim aconteceu com o estilo Renascença, quando se levantaram entre nós, as primeiras construções d'esse genero. O novo estilo não foi empregado com purêza completa de linhas e regras. Sofreu logo a influencia d'aquelle que se propunha substituir, o gotico florido, e com este teve de se fundir, o que originou o estilo *manuelino*. N'essa fusão, a base permaneceu gotica, apenas mudando a decoração nas suas linhas geraes. O puro arco ogival foi esquecido, melhor, combinou-se com o redondo de varios tipos, em formosas disposições que tomaram indifferentemente a forma de chave outangente, acareladas e trilobadas. E' d'este genero o famoso portico das Capelas Incompletas, na Batalha. Os complicados aranhaços appareçam nas abobadas, eivados de facêtos, florões pendentes, com toda essa delicada ornamentação rendilhada, onde a nossa flora é representada com exuberancia.

N'esta ornamentação não eram esquecidos os grifos, os grotescos e quimeras, e, por vezes, medalhões puramente Renascença. Mas, onde o caracter nacional coevo melhor se evidencia, é nas cordas, boias de pesca, cruces de Cristo, esferas armilares pontas de diamante, na forma de balaustre tomada pelas colunas ornamentaes, semelhando, pela folhagem adornada em espiral, troncos de arvores das floras nacional e indiana. Eram resaios do espirito navegador e aventureiro da raca.

O novo estilo ecletico predominou nas construções religiosas e solarengas do século XVI e dois primeiros

quarteis dos eguinte. São monumentos typicos, a Torre de Belem, os Jeronimos, com o seu claustro considerado o mais bello do mundo, o Convento de Cristo, em Tomar, onde o estilo se apresenta em todo o esplendor da sua magnificencia, etc. Depois d'essas brilhantes afirmações o estilo manuelino caiu em completo olvido. Os architectos portuguezes baniram-no—imperdoavelmente—das suas construções, e assim esquecido e despresado, essa genial criação do nosso quinhentismo, ficou assinalando uma era que passára, de cultura brilhantissima e opulenta grandeza.

Hoje, um architecto portuguez, o sr. Oliveira Ferreira, fa-lo reaparecer, quanto possivel, em pureza de linhas, no palacete que a *Nacional* vai construir no Porto. E' uma vigorosa prova de patriotismo e elevado bom gosto, que nos encheu de sincera alegria, porque, depois da Estação do Rocio — uma mancha maculando a

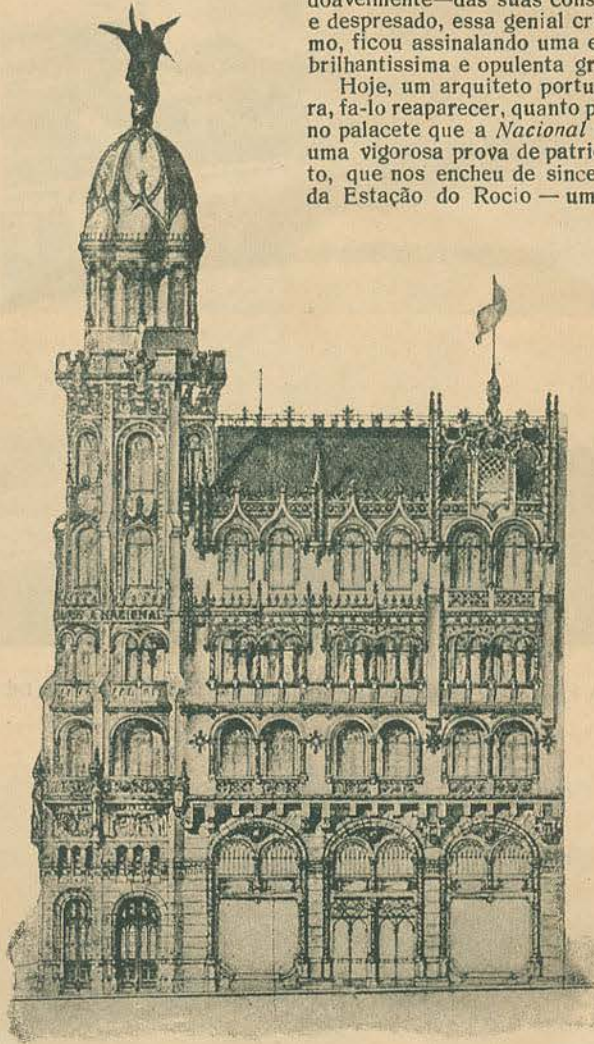
fachada da arte manuelina — se não nos enganamos, nenhuma outra iniciativa se teve para reviver o bello estilo nacional. O sr. Oliveira Ferreira, tambem autor do monumento á guerra Peninsular, prestou um louvavel serviço á arte portugueza com o seu resurgimento de um estilo que parecia hodiernamente despresado, e ao bom gosto, porque conseguiu emancipar-se de essa miscelanea confusa e *cocotte*, um amalgame de mesquinhos plagios, que é o chamado *estilo moderno*, a delicia do burguez rico, que constrôe palacetes. Mas esta falta de patriotismo, na arte, tem uma genese remota. E' um erro antigo, um vicio endemico já, que tem origem no proprio character da raca: — a profunda falta de confiança nas nossas aptidões e, sobretudo, o menospreso que demonstram os pelas nossas coisas.

E para documentar esta triste afirmação, af vai um ligeiro *memorandum*, de vergonhosas notas da Historia da Arqueologia Nacional.

Foram sempre estrangeiros que dirigiram, superiormente, a construção dos nossos monumentos, mesmo d'aqueles em que o estilo era puramente portuguez. Citemos: o italiano Boutaca para os Jeronimos; o alemão Ludovici para o Convento de Mafra e capela-mór da Cathedral de Evora; Uduart, Louguin, e outros, para reconstrutores de Santa Cruz de Coimbra; Huguet, ou segundo Murphy (!), o inglez Stephenson, para a Batalha; o italiano Lodi, para o Teatro Nacional (Rocio); o general alemão Eschwege, para o Palacio da Pena, etc.

Basta já para nos envergonharmos. E por sabermos isto, é com grande jubilo que applaudimos a iniciativa do sr. Oliveira Ferreira, por este seu feliz resurgimento do delicado e gracioso estilo manuelino, o magestoso patrimonio em marmore, que nos ficou dos tempos faustuosos do rei Venturoso.

RUBENS.



O palacete, estilo manuelino, que a Companhia de Seguros A Nacional, vai construir no Porto. Esta é a fachada do lado da Avenida da Cidade, sendo igual á que delta para a Praça Nova

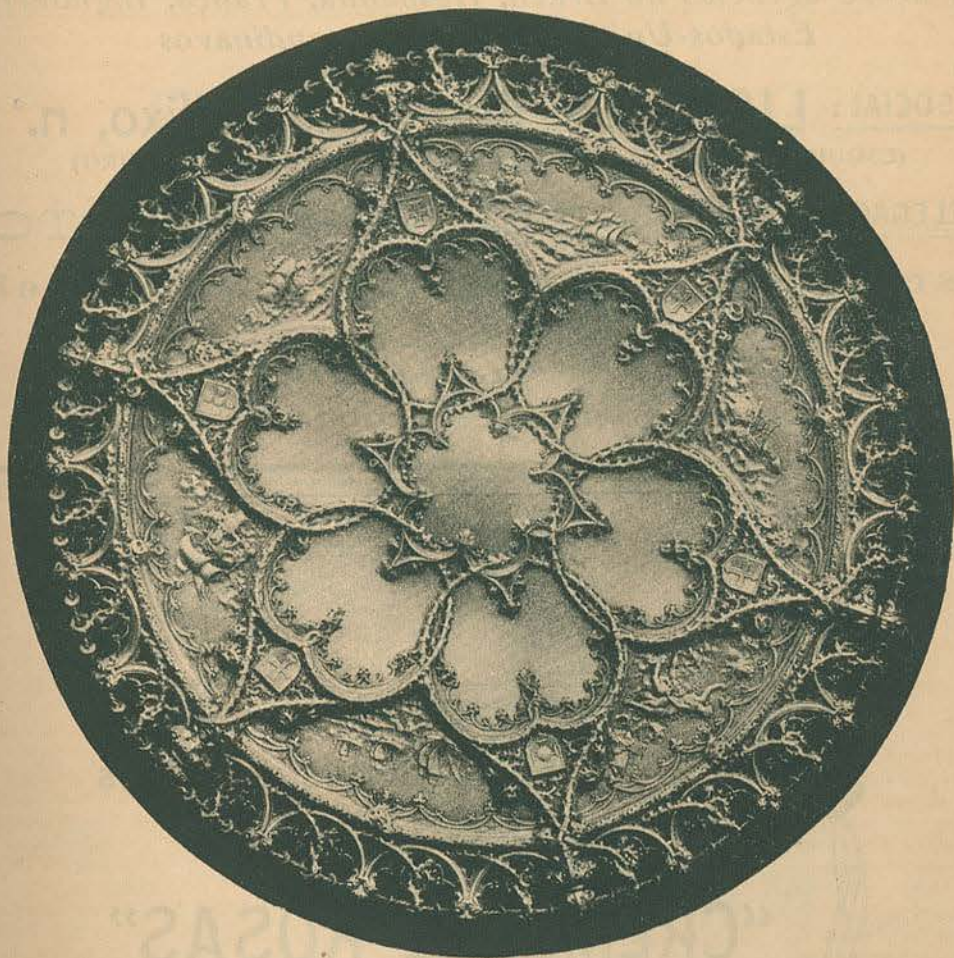
(!) Travels in Portugal.

# A ARTE PORTUGUEZA

Um belo trabalho em prata das oficinas  
da "Ourivesaria da Guia"

E' necessario que não falte estimulo aos artistas nacionaes afim de que a sua obra se aperfeioe, intensifique e progrida. Entre nós estão sendo levados a cabo trabalhos no campo vasto da arte-industria de ourivesaria e

vendida. Compõe-se esse trabalho magnifico de arcarias de coral entrelaçando 6 escudos que representam as ordens de Cristo, S. Tiago, Aviz, D. Manuel, Cruz de Malta e Quinas, achando-se essas arcarias encima-



joalharia, que merecem o mais assinalado destaque. A um d'elles nos referimos hoje com toda a justiça, uma *Salva Camoneana*, estilo manuelino, estudo feito dos nossos monumentos da Batalha e do Bussaco, primoroso trabalho que muito honra as oficinas da *Ourivesaria da Guia*, onde foi executado e em cujas montras se encontra em exposição. Não se trata d'um reclamo comercial porque, segundo nos consta, a salva está

das por 6 apainelados mitologicos que Camões ideou nos *Luziadas* e que se encontram referidos nos Cantos IV, V, VI, e IX contando a Partida, a Passagem pelo Cabo, a Tormenta, Venus aplacando a Porcella, a Chegada á India, e as Nereidas conduzindo as naus para a Ilha dos Amores. Trabalho digno é, repetimos, do maior destaque, dos mais calorosos elogios, e do mais acendrado incentivo.



# ATLAS

## COMPANHIA DE SEGUROS

Capital até hoje emitido ..... 500.000 esc.

Capital já realizado... 250.000 esc.

*Em breve agencias no Brazil, Hespanha, França, Inglaterra, Estados-Unidos e Paizes Escandinavos*

**SÉDE SOCIAL: LISBOA — Rua do Crucifixo, n.º 49**  
(ESQUINA DA RUA DE S. NICOLAU, PROXIMO DA RUA DO OURO)

**DELEGAÇÃO NO PORTO: BORGES E PINTO**

**Filiaes em Coimbra, Braga, Aveiro, Vizeu, Guarda, Evora e Faro**

**Telefones** { *Direção — C. 2803*  
*Expediente — C. 3843*

Endereço telegrafico: **SEGURATLAS**



### A delicada pele das senhoras

resente-se muito com o vento, com o sol ou com as mudanças de clima

MAS O

## “CRÉME DE ROSAS”

QUE É UM MARAVILHOSO PRODUTO DE BELEZA

desde que seja usado todos os dias, preserval-as-ha d'esse mal, conservar-lhes-ha a pele clara, viçosa, macia, livre de manchas, de asperesas, queimaduras do sol, cieiro, etc.

Como não contém nenhuma especie de gordura, é o unico que não tem o perigo de favorecer o desenvolvimento dos pelos do rosto.

Cada boião 550 réis.

**PERFUMARIA DA MODA — 5, Rua do Carmo, 7 — A' venda em Lisboa, Porto e provincias.**

SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SEculo



Director ABACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Lmt.ª

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

Redação. Administração e Oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

# Por um oculo



— *Deutschland über alles...*



## PALESTRA AMENA

## Fez hontem um brilhante exame. . .

Durante esta epoca do ano as columnas dos jornaes vêm estreladas de noticias de exames brillantissimos, de meninos prodigios, cuja maioria nem distincção obteve. A creança, assim envaidecida e envolta num reclamo farfalhado, é atirada para a circulação como as botas do Candeias e os gabões do Clemente: Deixou de se formar por si propria para ser formada pelo publico; substituiu o cumprimento natural do dever pelo espalhafato da pirotechnia. Descido a fogueteiro da sua pessoa, d'aí por diante, trata unicamente de chamar as atenções sobre si em vez de tomar toda a atenção consigo. O pudor entra a diluir-se-lhe, o recato perde-o, a bem entendida modestia transforma-se-lhe em espalhafato.

Os papás e as mãs, as tias e as primas deliram de jubilo por verem o nome do menino estampado em letra redonda e seguido, ou precedido, da mais opulenta adjectivação. O jornal é mostrado a quantos vão lá a casa e depois guardado cuidadosamente, quando não emoldurado e posto na parede. E' a primeira consagração feita na imprensa ao esperançoso rebentinho, que dali por diante só cuida em ser reclamado e apregoado aos quatro ventos, chegando a estranhar que os jornaes não digam uma palavra por ele ier estreado um fato novo.

Ora, a nosso ver, plantar na creança a flôr do reclamo é um crime, porque todo aquele que vive pelo perfume e encanto, que a caracterisam, abdicou da sua individualidade, do respeito por si proprio, passando a pertencer aos outros, a ser não um homem, mas o producto dum laboratorio ou duma fabrica, uma *Pilula Pink*, uma *Juvenia* ou uma maquina de costura. Só cogita no que o possa citar e nunca no que o possa dignificar; perde a consciencia propria para viver pelo juizo alheio; não se conceitua, procura que os outros o conceituem. E' um corpo, onde se abrigam todas as almas menos a sua, todos os caracteres menos o seu.

Compreende-se e até se justifica que, fíndo um curso e lançado um rapaz para a luta da vida, se diga á sociedade o que ele traz na bagagem, mas enriste-se ver-lhe citadas as occorrencias vulgares da sua vida de trabalho, ano a ano, desde que soltou o vagido do primeiro grau da instrucção primaria. Que se saiba que o homem existe e quem é; ao ingressar na actividade geral, mas que não comecem a apregoal-o desde os oito ou nove anos, como o carapau ou o marmelo assado no forno!

Ou não será assim? — Que não! estamos a ouvir gritar muitas mãs erguidas nas pontas dos pés com vontade de nos engulir, e muitos papás cuspiendo-nos o mais ensalivado desprezo. Pois que não seja e que siga a concorrência.

○ Outro.

## Assucar por musica

Um telegrama de Valença para o *Jornal de Noticias*, do Porto, diz que no dia 12, ao regressar a banda do 30 das festas de Bayona, na Galiza, os carabineiros apreenderam 60 quilos de assucar dentro do bombo e de outros instrumentos. Os musicos foram autoados e seguiram para Portugal e o chefe Antunes ficou em Tuy detido.

E' claro que a banda ficou de cara á banda e em ponto de rebuçado por todas as razões e mais pela do assucar, e em nosso humilde entender, tan-



to a apreensão, como a autoação e a detenção — está dito então, trão, fãõ, fãõ! — foram injustas. Os musicos meteram o assucar nos instrumentos para as notas sairem mais dõces. Ora ali está!

Com assucar pelos beiços ali nos trombones, nos pifanos e nos cornetins e o baixo atascadinho d'ele, quando tocaram o *Freischutz* era tal qual a *Traviata*!

## A's avéssas

As senhoras andam agora com umas *toilettes* tão transparentes e tão resumidas em comprimento de saias e de mangas como desafogadas no capitulo decótes. E' o que se chama um encanto para a vista e a realisação, que poz em furia o sr. Carvalho Monteiro, do *manto diafano da fantasia sobre a nudez forte da verdade*.

Tem esta moda a vantagem de cada



um que pretenda a *fazenda* já saber a que leva, e a tal ponto que, transposta, emfim, a porta da alcova nupcial, o noivo, em vez de tremula e voluptuosamente desnudar a noiva, dir-lhe-ha com uma curiosidade e um anceio irremovíveis:

— Ora veste-te lá, meu amorsinho! Sempre quero vêr que fal te fica. . .

E ela, entre ingenua e *coquette*:

— Olha que é só para ti!

## Razões fortissimas

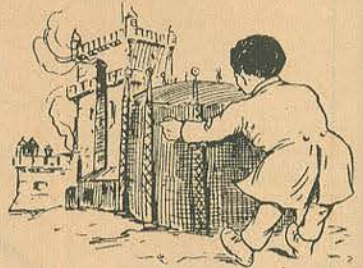
Os monarchicos, que censuravam o subsidio aos deputados e não cessavam de dizer que era um escandaloso beneficio abolido pela monarchia, tambem agora o empocham e recolheram de todo a fala ao bucho a tal respeito.

Porquê? Aqui muito em segredo, por 53535 razões e pico por dia. Nem mais, nem menos. E lá do outro mundo o sapateteiro de Braga, que tambem era talassa, ainda grita:—«Ou comem todos, ou ha de haver aqui moralidade!»

D'esta feita dão-se as duas cousas. Comem todos e até ha esta moralidade: — Nunca digas d'este subsidio não mamarei!

## Ha de sair!

N'uma das ultimas sessões municipaes, o sr. Adães Bermudes propoz, e foi aprovado, que se empreguem de vez e com energia todos os esforços para se conseguir o divorcio entre a Torre de Belem e o malfadado gazometro, que com seus beijos encarvoa-



dos enfarrusca constantemente o corpo lindo da linda filha de Garcia de Rezende. A Torre ficará morando onde tem morado, e o gazometro passará a viver com o seu colega da Boa Vista nuns terrenos além de Santo Amaro, oferecidos pela camara a titulo de compensação.

Ha duvidas sobre o exito da proposta—já tantas tentativas foram por agua abaixo, talvez por o Tejo estar proximo!—mas o sr. Adães deitou as mãos ao grande reservatorio e, jurando pelos seus deuses, afirma em alto e bom som:—Ha de sair!

Oxalá não venha no fim a succeder o mesmo que na historia do homensinho agarrado a um frade de pedra e a repetir eguaes palavras! Em todo o caso, se Lisboa ouvir de repente um pum! ou foi o gazometro que saiu e, como bom gazometro, explodiu de raiva, ou foi o sr. Adães Bermudes. . .

## Meta-nos lá o dedinho na boca! . . .

Numa carta publicada no *Republica* pergunta o sr. Leote Holofote do Rego: —«Quando é que Portugal voltará a ser de todos os portugueses?»

Ora quando! Quando o chegarem de novo ao rego.





## O aparelho crítico

## EM FOCO

## Gabriele d'Annunzio

«Gabriele d'Annunzio voou sobre Viena, lançando impressos com palavras nobres e generosas.»

Dos jornals.

*Subiu à grande altura das estrelas o Poeta gentil, por sua mão, guiado, no desejo de prendel-as, por esse facho eterno — o coração.*

*E assim compôs (estranha inspiração!) as estrofes mais puras e mais belas do poema que um povo nosso irmão vem escrevendo ha tanto, perto delas.*

*Os culpados geram de terror, supondo-o um velho Deus castigador a arrancar-lhes, de chofre, as tristes vidas.*

*Mas, em silencio, as mães dos assassinos, vendo sorrir os filhos pequeninos, saudaram-o, de longe, agradecidas.*

X...



## Entre boemios

—Caso é que Lisboa vive n'um sobressalto continuo com boatos de revoluções, tropas de prevenção, policia armada... E não ha meio de acudir ao panico que isto promove!

—Ora se ha! E bem simples.

—Qual?

—Mudando-lhe a primeira vogal para a immediata.

lhos... d'alto lá com ele, fazer uma terceira republica.

Em estando pronta trá-la para a cidade e põe-a no seu viveiro da Rotunda. Depois, é sabido, olha para ella, não lhe agrada e começa logo a fazer outra. As republicas nas suas mãos succedem-se como os dós de peito na garganta do Romão Gonçalves, e tanto lhes dão que alguma vez hão de acertar.

## O seguro morreu de velho

O sr. Brito Camacho deu agora em brêjeirinho da Bica. Referindo-se com ar de troça, na *Lucta*, ao que João Verdades escreveu no *Seculo* sobre a imoralidade nos jardins publicos de Lisboa, diz que em todas as grandes cidades, de noite, os jardins são mais ou menos isto—casas de pernoitar.

Por isso elle ainda não se resolveu a



ir até França. Tem medo de se apear em Paris e de que o transformem em qualquer jardim de lá em colchão de arame.

E fica, emfim, explicado porque a respeito d'ir para o «front» s. ex.ª tem fugido com o... bernal á seringa.

*Où la verité va-t-elle se nicher!*

## Sempre faz sua differença...

—E falam vocês do Teofilo, quando foi presidente da Republica, não ter dado um jantar a ninguem! Peor é o Sidonio.

—Ora essa! Porquê?

—Porquê?! Então um presidente que anda constantemente ás sôpas... Antes não dar uma sôpa do que andar ás sôpas!

## Na forja?

Noticiaram alguns jornaes que o sr. Machado dos Santos, aborrecido da politica, deliberara imitar Cincinato, trocando a politica pela charrua, e que ia para a Vila Franca de Xira, onde arrendara uma propriedade, com o proposito de se dedicar exclusivamente á agricultura.

Não é exacto. Sua excelencia tencionava efectivamente retirar-se por algum tempo de Lisboa, não se sabe se para Sarilhos de Cima, se para Sarilhos de Baixo, mas para, num destes Sari-

O sr. Fidelino de Figueiredo, deputado da maioria, referiu-se no parlamento ao seu aparelho critico.

Tinhamos ouvido muitas vezes falar de aparelhos de guerra, de cosinha, de casa de jantar, de cirurgia, de lavoura, etc. etc. mas, francamente aqui confessamos a nossa ignorancia, até ao dia de hoje ainda não nos chegara aos ouvidos, nem nos batera na vista, nenhum aparelho critico. E temos perdido dias e noites a cismar na sua constituição e uso. De que será feito? Em que parte do corpo existirá? Como applica-lo? Mas por maiores e mais fundas cogitações a que nos entregassemos, não havia meio de lubrigarmos sequer a visão de tal apresto.

Vae senão quando lemos por acaso num carcomido alfarrabio este antigo adagio portuguez: «Ainda que estejas bem com tua mulher, não é bom conselho que cortes o aparelho». Será este o aparelho critico de que falou o illustre parlamentar? exclamámos num arranco de alegria. Logo, porém, ainda em mais apertada intriga nos mergulhámos. Casados por tres vezes e com desaseis filhos, nunca démos pela posse de nenhum aparelho d'este genero, ou se o possuímos, ignoramos que assim se chame.

Que nos acudam o illustre filólogo sr. Leite de Vasconcelos com a explicação do termo e o sr. Fidelino de Figueiredo com o desenho respectivo! E desde já prometemos estampar aqui ambas as revelações para elucidação geral do paiz, porque deve muita gente andar, como nós, intrigadissima com a charada.

Estamos a ver que nos sae a cousa mais vulgar deste mundo, e que ao conhecê-la desataremos todos a rir:—Pois srsl! nunca imaginámos que tambem tinha este nome!

## Plagiatos

Vae para um ano, o sr. Teofilo Braga foi acusado pelo sr. Ricardo Jorge de o ter plagiado; ha pouco tempo, o sr. Brito Camacho impingiu como sua uma frase de Blasco Ibañez, que logo depois se descobriu tê-la surripiado a Guy de Maupassant. Agora aparece a seguinte sentença, attribuida p lo Norte ao sr. Guerra Junqueiro: «Esta situação só pode acabar pela restauração da monarchia ou pela restauração da republica.» Apita, porém, o Dia que a paternidade do dito pertence ao sr. Coelho de Carvalho, que talvez, amanhã, seja acusado de o ter aproveitado de outro qualquer coelho, que provavelmente o terá ouvido a alguma lebre.

Pelo visto, a litteratura converteu-se no jogo do pilha e, seguindo o preceito de Molière, vae praticando o *Je prends mon bien où je le trouve*. Bem faz o sr. Faustino da Fonseca em estar calado ha muito tempo para arrelhar alguns auctores dramaticos, que se não fosse a graça dos outros iriam parar perto!

## AS NOVAS PROEZAS DO MANECAS

29.<sup>a</sup> Parte — 5.<sup>o</sup> Episodio

(Continuação)



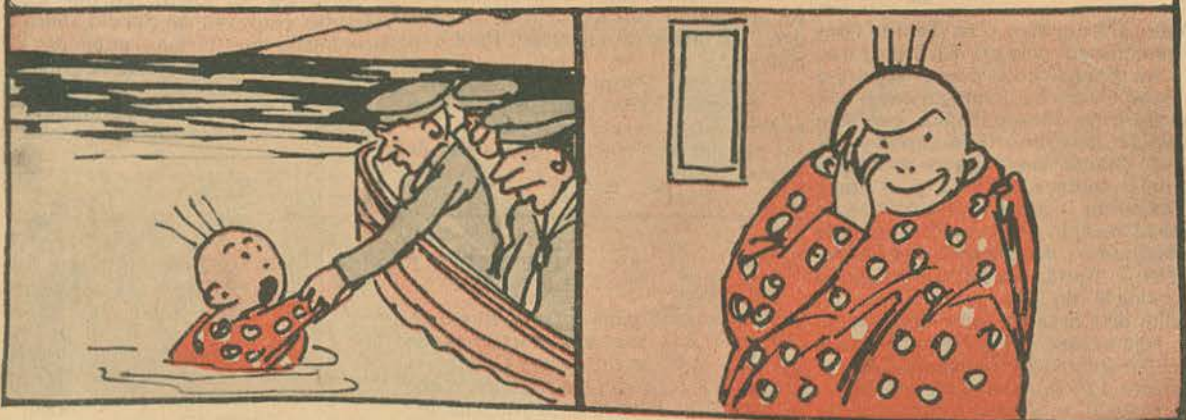
1.—Os *almôes* furiosos, julgando que o afundamento do couraçado é devido a algum submarino despejam granadas sobre granadas,

2.—até que o *kolosso* se afunda e eles saltam rapidamente para as baleiras, enquanto o Quim se vae pirando a nado no meio d'este inferno.



3.—Faltam-lhe as forças, sente-se perdido—ó Providencia!—aproxima-se um barco patrulha, inglez, que o recolhe. Era tempo. O Quim desmaia.

4.—O medico de bordo, depois de inauditos esforços, chama-o de novo á vida e, inteirado da sua arrojada proeza, trata-o com todo o disvelo.



5.—O Manecas, porém, é mais infeliz. Embora nade como um peixe os malitos *boches* descobrem-no e, recolhendo-o a bordo, fazem-no prisioneiro infligindo-lhe as maiores torturas, coitadinho.

6.—Temos imensa simpatia pelo Manecas, como os meninos sabem; por isso nos confrange ainda mais a triste sorte do nosso heroe, mas tenhamos confiança, porque ele já está pensando na maneira de se escapar, o que hade conseguir, verão.

(Continúa).



Seringas para se-  
nhoras, com prote-  
tor de borracha ma-  
cia e guarda de bor-  
racha.

Os artigos  
DE  
borracha

com a marca



são garantia infalível de qualidade  
uniforme e fina.

A Davol Rubber  
Company estabele-  
ceu-se em 1874 e  
durante os últimos  
42 anos tornou-se  
a fabrica mais im-  
portante do mun-  
do, no seu ramo.



No. 62

Bolsas inteiriças  
para agua quente,  
de borracha do Pa-  
rã seleccionada; ga-  
rantidas

DAVOL  
RUBBER COMPANY  
Providence, R. I. U. S. A.

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS  
(Do Seculo)

Preço, 3 centavos

## M. me Virginia CARTOMANTE-VIDENTE



Diz o passa-  
do, presente e  
o futuro, tudo  
esclarece.

Completa sa-  
tisfação na  
consulta ou  
reembolso  
do dinheiro,  
completa se-  
riedade em  
todos os ne-  
gocios d'esta  
casa. Consul-  
tas todos os

dias uteis das 6 ás 18 h. Calçada aa  
Patriarcal, n.º 2, 1.º, esq. (Cimo da  
rua d'Alegria)

## Companhia do PAPEL DO PRADO

sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Ações .....	360.000\$00
Obrigações .....	325.910\$00
Fundos de reserva e amori- tização .....	266.400\$00
Escudos .....	300.510\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria das fa-  
bricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho  
(Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Louzã),  
Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instala-  
das para uma produção annual de 8 milhões  
de quilos de papel e dispoño dos maquinis-  
mos mais aperfeiçoados para a sua industria.  
Tem em deposito grande variedade de pa-  
peis de escrita, de impressão e de embrulho.  
Toma e executa prontamente encomendas  
para fabricações especiaes de qualquer  
quantidade de papel de maquina continua  
ou redonda e de forma. Forneço papel aos  
mais importantes jornais e publicações pe-  
riódicas do paiz e é fornecedora exclusiva  
das mais importantes companhias e empre-  
sas nacionais. — Escritorios e depositos:  
LISBOA, 270, rua da Princeza, 276. PORTO,  
49, rua de Passos Manoel, 51. — Endereço  
telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia  
Prado. — N.º telef.: Lisboa, 605. Porto, 117.

Trabalhos tipograficos em todos os  
generos JHC. «Ilustração Portu-  
guez» — R. do Seculo, 43 —

## O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-  
mante e fisionomista da Europa

## M. me Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o fu-  
turo, com veracidade e rapidez; e incom-  
paravel em vaticínios. Pelo estudo que fez  
das ciencias, quiromancias, cronologia e  
fisiologia, e pelas applicações praticas das  
teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lam-  
brose, d'Arpenligney, madame Brouillard  
tem percorrido as principaes cidades da  
Europa e America, onde foi admirada pe-  
los numerosos clientes da mais alta cate-  
goria, a quem predisse a queda do impé-  
rio e todos os acontecimentos que se lhe  
seguiram. Fala portuguez, francez, inglez,  
alemão, italiano e hespanhol. Da consultas  
diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em  
seu gabinete; 45, RUA DO CARMO, 45 (so-  
bre-loja) — Lisboa. Consultas a 1\$000 reis.  
2\$500 e 3\$000 reis.

## «Ilustração Portuguesa» 1.º semestre de 1918

Estão á venda  
as capas para encadernação do primeiro  
semestre de 1918 da «Ilustração Portuguesa».  
As grandes dificuldades para obter as  
percalinas e cartão, o seu preço cada vez  
mais elevado, assim como o do pessoal,  
forçam-nos a elevar o preço de cada capa  
a 60 centavos cada uma e o empaste de  
cada volume a 40 centavos.  
Tambem ha ao mesmo preço capas para  
os semestres anteriores. Envia-se para  
qualquer ponto a quem as requisitar. A  
importancia pôde ser remetida e vale do  
correuio ou ordens postaes á Adminis-  
tração do «Seculo», Rua do Seculo, 43, Lis-  
boa.

## O Bico de Mamadeira "ANTI-COLIC" (ANTI-COLICA) MARCA DE FABRICA



TAMANHO  
"REGULAR"

TAMANHO  
GRANDE

(ILUSTRAÇÕES de TAMANHO NATURAL)

NOS ESTADOS UNIDOS  
É USADA POR UM MILHÃO  
DE CRENÇAS E VENDIDA POR  
25,000 PHARMACEUTICOS

### AS RAZÕES PORQUE:

1. É uma mamadeira higienica;
2. É uma mamadeira duradoura. A quan-  
tidade de borracha empregada é maior que  
a usada em quaisquer outras classes e por  
consequente durarao mais.
3. São fabricadas com a melhor qualidade  
de borracha e não podem injuriar a bócca da  
creança.
4. Têm cabeça espherica, o que permite  
que a creança os sustenha com maior firmeza.
5. Têm tres orificios permitindo a sahida  
facil do leite ou de qualquer outro alimento e  
impedndo que se achate, ao mesmo tempo  
contribuindo para conservar a bócca da cre-  
ança pequena e bem formada.

CADA UM DOS NOSSOS BICOS DE  
MAMADEIRA,

MARCA "ANTI-COLIC," (ANTI-COLICA)  
TEM UM ROTULO COMO O QUE A SEGUIR  
ILLUSTRAMOS, AO REDOR DO PESCOÇO



TOMEM NOTA DE ESTE ROTULO E NÃO  
ACCITEM OUTRO BICO DE MAMADEIRA  
DIFFERENTE.

FABRICADA em 3 CÔRES  
BORRACHA PURA (PRETA)  
BRANCA É VERMELHA

EXIJA DO SEU  
PHARMACEUTICO OS BICOS  
DE MAMADEIRA

## "ANTI-COLICA"

FABRICADO PELA  
DAVOL RUBBER CO.  
PROVIDENCE, R. I. (U. S. A.)

# COLGATE'S TALC POWDER

## PÓ de TALCÔ COLGATE SUBSTITUE COM GRANDES VANTAGENS O PÓ D'ARROZ

Indispensavel na higiene das creanças e na toilette dos adultos

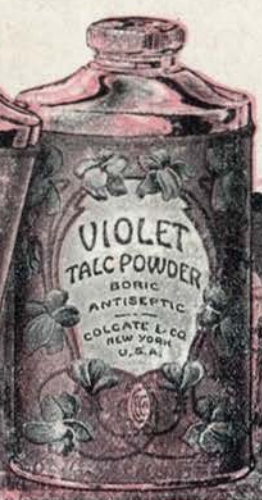
Encontra-se em todos os bons estabelecimentos que tambem vendem sabonetes, perfumes, loções, elixires dentifricos, crèmes, etc., d'esta acreditada marca americana.

**AGENTES GERAES:**

SOCIEDADE LUZO-AMERICANA DOS ESTABELECIMENTOS

**GASTON, WILLIAMS & WIGMORE, L.<sup>DA</sup>**

Rua da Prata, 145 Telephone Central 4096 LISBOA



A Mackinnon